

ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DE “PESSOA” NA SUA DIMENSÃO “RELAÇÃO”

M. Jorge Freitas Almeida

Especialista em Enfermagem Comunitária
Enfermeiro Responsável, Serviço Oncologia Médica, Piso 3
Mestrado em Bioética
Instituto Português de Oncologia do Porto, Francisco Gentil, EPE

A relação entre o profissional de saúde e o paciente deve assentar num “universo ético” assente no princípio do consentimento informado e do respeito pela intimidade e pela dignidade do paciente enquanto pessoa. Esta relação assenta em três dimensões distintas: uma relação sócio-económica (sob o ponto de vista jurídico), uma relação técnico-científica e uma relação de ajuda entre o enfermeiro e o doente. É nesta terceira dimensão que o autor analisa fenomenologicamente o conceito de pessoa, perspectivando-a como um modelo de valores e como um modelo individual de “pessoa-valor”. Ou seja, no conceito abrangente de pessoa, o autor analisa uma dupla perspectiva ética: a sua relação para “consigo mesmo” e para com os “outros”, em ordem ao seu “ser” universal.

PALAVRAS-CHAVE: Ética, Relação Interpessoal, Ser ético.

The relationship between a health professional and a patient should settle in a “ethical universe”, informed consent and respect for the intimacy and dignity of the patient, as a human being. This relationship has 3 different dimensions: one socio-economic (legal point of view), one technical-scientific and a help based relationship between nurse and patient. It is in this last dimension that the author analyses phenomenological the concept of a person, putting in perspective as a model of values and as a individual model of “person-value”. Being, on the concept of embracing a person, the author analyses a double ethical perspective: the relationship with “himself” and with the “others”, regarding his “being” universal.

KEYWORDS: Ethics, Inter-personal relationship, Being ethical.

INTRODUÇÃO

Na relação profissional de saúde – doente, podemos afirmar que o exercício da Enfermagem ou de qualquer outra actividade clínica que implique um contacto directo com o paciente se configura, segundo Rui Nunes, “como um contrato tácito de prestação de serviços, escrito ou verbal, na qual os direitos e os deveres de ambas as partes estão claramente explicitados. Como contrato que é, obriga ambas as partes a determinados deveres e obrigações”¹. Esta relação pode ser perspectivada sob três dimensões distintas, a saber:

Uma primeira dimensão assenta, sob o ponto de vista jurídico, numa “relação sócio-económica”, devido ao facto do exercício de todo e qualquer acto profissional, especificamente todo o acto de Enfermagem, presumir a existência de um “contrato” de prestação de serviços (que pode ser explícito ou tácito, de acordo com a representação cultural do serviço e a praxe do lugar, onde ele se concretiza), que se organiza como uma actividade do mercado de trabalho.

Uma segunda dimensão, dependente daquela relação, analisa-se sob a perspectiva de uma “relação técnico-científica”, dado que todo o procedimento profissional, especificamente todo o acto de Enfermagem, naquilo que for possível, deve ser uma actividade cientificamente fundamentada e uma técnica destinada a controlar a natureza em benefício da humanidade, em geral, e de cada doente, em particular. Em suma, será um instrumento aperfeiçoador do conhecimento científico ao serviço dos seres humanos. Ainda que o acto de Enfermagem não se confunda com a actividade científica, nem deva ser reduzido a ela, não pode ser entendido a não ser como ciência aplicada ou uma “modalidade de tecnologia”. Por outro lado, o acto de Enfermagem não necessita de ser obrigatoriamente científico, mas não pode contrariar o que tenha sido estabelecido. Por outro, também,

nem todo o acto de Enfermagem é uma aplicação científica, porque o conhecimento ainda não tem resposta para todos os problemas postos pelas enfermidades da actualidade. Por tal facto, a Enfermagem habitualmente é definida, com muita propriedade, como a ciência e a arte de “cuidar”.

Por último e numa terceira dimensão, situa-se a relação de ajuda de alguém que a necessita com alguém que a possa exercer, posto que os actos de Enfermagem, sobretudo no domínio da clínica, configuram uma interacção de alguém que precisa de ajuda com alguém que está apto e habilitado para ajudar. Cuidar é, pois, libertar, renascer, encontrar a esperança, será ajudar aquele que sofre a sair do seu isolamento, a construir um projecto de vida compatível com o seu estado. É, sobretudo, recusar uma relação paternal, ajudando o doente a tornar-se adulto.

Da análise destas três dimensões, todas importantes, talvez a última seja a mais significativa, na relação do profissional de Enfermagem com o paciente. Enquanto a doença é, segundo a primeira, uma situação científica e objectiva; pelo contrário, para a segunda perspectiva, é subjectiva para o doente, pressupondo grande carga emocional, onde a intimidade é colocada em causa. Nesta relação, o paciente “regride para melhor ser tratado e autonomiza-se para melhor se curar”².

Analisar o conceito de *Pessoa* e a sua abrangência, pelo pensamento scheleriano significa fazer uma reflexão axiológica e fenomenológica, pela compreensão da intuição emocional e dos seus objectos: os valores, a pessoa e as formas de ética, de cultura e de sociedade”³. O conceito de pessoa corresponde a “uma essência singular, superconsciente, irradiada de actos intencionais, centro de valorizações. Os valores morais não se realizam apenas numa pessoa isolada, mas numa comunidade de pessoas, num todo hierarquizado, cujo termo supremo é Deus”⁴.

¹ NUNES, Rui - “Ética na relação com o doente” in: SERRÃO, Daniel; NUNES, Rui - Ética em cuidados de saúde. Porto: Porto Editora, 1999, pp. 31-45.

² NUNES, Rui - “Ética na relação com o doente”, pp. 31-45.

³ “L’Oeuvre durable de Scheler est une phénoménologie de l’affectivité, en une compréhension de l’intuition émotionnelle, de la sympathie et de leurs objets: les valeurs, la personne, les formes de l’éthique, de la culture et de la société” (D.C. - “Scheler (Max) 1874-1928”. Encyclopédie Universalis France, Editeur à Paris, Volume 14, Régulation Smith, p. 724).

⁴ LOGOS, Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia, Lisboa/S. Paulo: Edições Verbo, Volume II, Coluna 955.

Neste conceito está explícito que a pessoa é considerada, por um lado, como um modelo de valores, como um modelo individual de *pessoa-valor*⁵, e, por outro, como uma *totalidade*, ou seja, uma “pessoa comum”, estruturada num pensamento social⁶. Este estado de vida em comum (viver em sociedade) define-se como um processo organizado, em que a pessoa se insere numa hierarquização de valores.

Em termos ontológicos, o conceito de “valor” não se pode descrever, definir. Pertence àqueles conceitos supremos, como os do “ser” e do “existir”, que não admitem definição. Tudo o que se pode fazer é uma clarificação ou uma descrição do seu conteúdo, tal como fizeram Hessen e Vergés Ramírez, seguindo uma leitura fenomenológica do pensamento filosófico de Scheler.

Para Vêrges, a estrutura do ser inter-relacional possui uma tripla abordagem: a relação do eu consigo mesmo, a relação, em conexão com a primeira, desse “eu” com o “tu”⁷ e a relação do “eu” com os objectos. Todas atingem a tal dimensão *plena de pessoa*⁸. Nesta “estrutura relacional”⁹, analisarei o contexto da “comunicação” na relação do “eu” com o “tu” e com os objectos reais. Nesta “estrutura”, existe algo que é pertença da constituição interna da pessoa, inserida numa determinada realidade dinâmica, onde a duplicidade relacional (*eu e tu*) contribui para a formação da sua própria identidade (para consigo mesmo) e para a identidade social (para com o outro). Significa que, ao conceito abrangente de “pessoa”, necessariamente temos de acrescentar uma nova abordagem, numa dupla perspectiva: as suas relações para “consigo” e para com os “outros”, em ordem ao seu “ser”.

1. RELAÇÃO DO “EU” CONSIGO MESMO

O “eu” da pessoa possui consciência da sua *egocidade*¹⁰, de uma forma imediata ao transformar-se em si mesmo, através da sua referência ao *não-eu*, ou seja, às realidades externas, à forma de sair de “si” para voltar a “si mesmo”, após contacto com a realidade cósmica. O autoconhecimento do “eu” pessoal não se produz de uma forma instantânea, mas antes apercebendo-se como idêntico a si mesmo (como pessoa), através de um processo que inclui: em primeiro lugar, a percepção da realidade das “coisas” e, em segundo, a percepção da realidade do “outro”.

Contudo, as etapas deste processo não estão ordenadas de forma sequencial, mas, pelo contrário, elas interagem, em simultâneo, em que o homem se autoco-nhece como “pessoa”, ao mesmo tempo que descobre a existência das “coisas” e do “outro”. Contudo, para se realizar este “autoconhecimento”, é necessária a presença de um elemento indispensável: o da *introspecção reflexiva*¹¹. Por meio dela, o homem distingue dialecticamente a “sua pessoa” ou o “ser que lhe pertence” do “ser que não lhe pertence”.

Assim, o “eu” reconhece-se a si mesmo como “pessoa”, enquanto descobre a sua capacidade de se relacionar com o “outro”, para que o desenvolvimento do próprio “ser pessoa” se faça de modo gradual, fundada na consciência da relação “eu-tu”. Por isso, o reconhecimento dessa relação pessoal significa o encontro pleno e original consigo mesmo¹².

Tudo isto não significa que o “eu” alcança uma compreensibilidade perfeita de si mesmo, mas sim que o

⁵“Le personnalisme de Scheler, c’ est aussi son insistance sur le rôle des modèles, des personnes-valeur-types...” (SWEENEY, Robert - “Scheler Max, 174 – 1928”. Dictionnaire des Philosophes, deuxième édition, revue et augmentée, Paris: Presses Universitaires de France, p. 2565).

⁶“Le concept de personne en tant que totalité permet à Scheler d’élaborer une notion de “personne commune” (gesamt person) qui l’aide à structurer le pensée social...(....). Ce estade de la vie en commun – société, communauté – se trouve classé en dessous de la personne qui la compose, dans l’échelle des valeurs. Ibidem.

⁷VERGÉS RAMÍREZ, Salvador – Dimension transcendente de la persona. Biblioteca Herder, Barcelona: Editora Herder, 1978, p. 43.

⁸A estrutura da pessoa, quando analisada no binómio “eu” e “tu”, esboça o caminho para a realização da dimensão total do homem, de forma que a relação do “eu” com o “tu” tenha a sua origem na mesma estrutura relacional deste. O homem não pode ter relação pessoal com o “tu”, se o seu “eu” não for estruturalmente interpessoal, não no sentido de uma autoprojecção de “si”, mas na linha da identidade do seu próprio ser “pessoa”. Ibidem.

⁹ Idem, p. 44.

¹⁰ Expressão usada por Scheler e por Vêrges pretende significar individualidade e unicidade de pessoa. Idem, p. 46.

¹¹ Neste contexto, o termo “introspecção reflexiva” pretende significar que a pessoa necessita de observar e sentir o mundo exterior a si, tendo a capacidade de captar para a sua esfera íntima, as características que julga essenciais para o desenvolvimento do seu “eu” individual. Ibidem.

¹² Aqui, as palavras “pleno” e “original” possuem um significado qualitativo, isto é, a pessoa, quando em contacto consciente com o “outro”, desenvolve o seu ser, o seu “eu” para que esse encontro seja algo de novo, de original relativamente a outros encontros passados e a outras relações anteriores. O pleno (o seu “eu”) é o constante somatório de relações originais com o “outro”.

elemento da relação não é algo sobrenatural do próprio eu, antes pertence à sua estrutura mais profunda. Assim, esta relação pessoal representa dois momentos simultâneos: o primeiro diz respeito à realidade cósmica, em que o homem se conhece a si mesmo, como imerso entre as coisas diversas, entre as diversas realidades. No segundo momento, o “eu” da pessoa diferencia-se do outro “eu”, ao tomar consciência de si mesmo, relativamente ao “outro”. Desta forma, o “eu” é clarificado no seu ser ao relacionar-se com o “outro”, actualizando em simultâneo as suas potencialidades e adquirindo consciência do ser pessoal, relativamente ao “outro”.

A diferença de níveis na relação do “eu” *per se*, é a chave da interpretação da capacidade do encontro pessoal do homem. Significa que o homem pode potencializar, de forma consciente e reflexiva, a dinâmica da relação pessoal. Por isso, a capacidade “radical” do homem ao autorelacionar-se consigo e com os outros é o *afecto*, fundamental no seu ser, não podendo reduzir-se a uma simples característica accidental. A estrutura deste próprio ser “é uma parte constituinte da identidade da pessoa”¹³. E como chegamos ao conhecimento dessa “identidade”?

A resposta parece estar, segundo Vergés Ramírez, na consciência do homem. Efectivamente, cada um apreende a sua íntima *maneira de ser*, mediante a consciência. Existe uma relação tão estreita entre consciência e pensamento que se poderá afirmar, segundo Sciacca, citado por Vergés, que “o primeiro acto do pensamento é a consciência que o sujeito pensante possui de si mesmo, como ente que pensa”¹⁴. Dissociar estes dois aspectos da pessoa significaria a negação desta mesma pessoa.

Assim, a “estrutura de pessoa”, constituída pelo “eu em si mesmo”, leva-nos a uma segunda perspectiva: a relação desse “eu” com o “outro”. E essa estrutura pessoal de homem, em volta da constituição interna do seu “ser”, manifesta-se na sua maneira de actuar perante o

encontro com o “outro”. Isto permite concluir que a relação do “eu” com o “tu” tem as suas mais profundas raízes na estrutura do “ser relacional” desse “eu”.

2. A pessoa como relação “eu-tu”

A relação implica, no plano pessoal, a existência essencial de um duplo elemento: o “eu” e o “tu”. Estes pronomes significam, em termos filosóficos, a relação que se estabelece entre duas pessoas. Mas, segundo Vergés Ramírez, esta relação não implica que a “pessoa” esteja sempre em “acto”, em actividade, mas significa antes, a “capacidade estrutural de se relacionar, como expressão do tornar-se pessoa”¹⁵.

Este princípio, onde tem origem a forma do homem se comportar, parece estar relacionada na sua *estrutura pessoal*¹⁶. Perante a questão “porque será a relação individual o elemento constitutivo da estrutura pessoal do homem?”, podemos afirmar que não se trata de um “acto de relação”, mas sim de uma capacidade dinâmica do homem para se relacionar pessoalmente. Esta relação é concebida como a capacidade de autocomunicação do homem, sendo esta o elemento básico da sua estrutura relacional¹⁷.

Esta dupla característica (o contacto imediato “consigo mesmo” e a sua relação com o “outro”), que constitui a estrutura da pessoa, complementa-se reciprocamente. Um e outro desenvolvem a estrutura pessoal de homem no binómio: relação do “eu” em si mesmo e relação desse “eu” com o “tu” (o outro)¹⁸.



¹³ Idem, p. 49.

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ Idem, p. 50.

¹⁶ Ibidem.

¹⁷ Idem, p. 51.

¹⁸ Ibidem.

Este reencontro do homem “consigo mesmo” corresponde à sua estrutura mais profunda de autoregulação, pois esta relação com o “outro” não só revela o homem em “si mesmo”, como também dinamiza a sua estrutura originária. Assim, esta relação pertence à esfera da realidade existencial, vivido pelo homem de uma forma consciente, na referência a “si mesmo” e ao “outro” dentro de uma atmosfera de um “encontro recíproco”. Aqui se encontra a fundamentação central: a relação do “eu” com o “tu” e vice-versa produz uma existência nova, expressa na fusão dos dois, na sua *unidade do encontro*¹⁹. É o momento de saída do “eu” da sua “egocidade” para se abrir à relação com o “tu”.

Segundo Vergés Ramírez, toda a pessoa possui dentro de si (na sua esfera íntima) um “tu” *inconsciente*²⁰, correspondente à sua maneira dialéctica de ser. E esta referência a si mesmo é a afirmação da sua identidade²¹.

A dinâmica de relação do “eu” com o “tu” não só manifesta o que é a pessoa, mas também *configura o seu ser interno e externo*²², porque inclui um conhecimento mútuo de um “ser” e do “outro”, através de um intercâmbio recíproco. Mas esta comunicação recíproca não implica uma perda da própria personalidade individual, mas um reencontro do homem “consigo mesmo”. Daí que a relação pessoal do homem se desenvolva na intercomunicação do “eu” com o “tu”. Este “eu” promove-se a si mesmo ao entrar em relação com o “tu”,

promovendo também o “outro”. Não se trata de perder algo que é seu mas trata-se do reencontro consigo mesmo²³.

Esta relação tem um *carácter activo*²⁴ uma vez que tem de incluir a presença recíproca de duas pessoas: o “eu” não pode existir, como tal, sem a presença do “tu”. Esta presença é de carácter estrutural, isto é, pertence à sua maneira de ser. E a tomada de consciência desta necessidade de relação recíproca define a pessoa de uma forma bidireccional: o do mesmo ser pessoa e o da presença consciente do “tu” no “eu”.

É interessante a abordagem efectuada por Vergés Ramírez, ao afirmar que esse “eu” não pretende apoderar-se do “outro”, de forma a convertê-lo em seu próprio instrumento de manipulação e utilização, pois a destruição do “tu” seria o *suicídio do “eu”*²⁵. A relação do “eu” com o “tu” significa a máxima transparência da pessoa em si mesma. Este é o sentido profundo do ser individual do homem, que não é idêntico a si, mesmo enquanto não traduz em acto a sua relação intercomunicativa. Por isso, a relação não é redutível a um simples aumento do próprio “eu”, porque se trata da sua constituição interna. A relação individual do homem desenvolve-se sempre no intercâmbio recíproco do “eu” com o “tu”.

Assim, a relação do “eu” com o “tu” encontra-se igualmente fundada no princípio da acção recíproca

¹⁹ Ibidem.

²⁰ Aqui, a palavra “inconsciente” tem o significado “que não se conhece..”, que existe esse espaço dentro de si para se conhecer, só possível após uma relação dialéctica ente o “eu” e o “tu”. Relativamente a esta questão, é interessante citar aqui a noção de relação possível entre organismo e o objecto, segundo António Damásio, em que ele interroga “como é que o sentido de si, no acto do conhecimento, se implanta na mente (no eu)?”. Por duas razões: em primeiro, o organismo em questão é aquele dentro do qual acontece a consciência; o objecto, é aquele em que se dá a conhecer no processo da consciência; e as relações, entre ambos, constituem o conteúdo do conhecimento a que chamamos “consciência”. Nesta perspectiva, a consciência constrói-se a partir de dois factos: que o organismo esteja envolvido numa relação com o objecto e que este provoca uma modificação no organismo. Aqui se justifica a tal relação dialéctica existente entre o “eu” e o “outro”, que pode ser um objecto ou uma pessoa. (Cf. DAMÁSIO, António – O sentimento de si. Lisboa: Publicações Europa América, 13ª Edição, 2001, pp. 30–40).

²¹ VERGÉS RAMÍREZ, Salvador – Dimension transcendente de la persona. p. 52.

²² SCIACCA, M. F. – El Hombre este desequilibrado. Barcelona: Edições Miracle, 1958, p. 12 citado por VERGÉS RAMÍREZ, Salvador – Dimension transcendente de la persona. p. 53.

²³ VERGÉS RAMÍREZ, Salvador – Dimension transcendente de la persona. p. 54.

²⁴ Idem, p. 56.

²⁵ ENTRALGO, P. Laín – Teorya e realidad del outro. El outro como outro yo. Nosotros, tú y yo. Vol. I; Madrid: Revista de Occidente, 1961, pp. 277–278, Citado por VERGÉS RAMÍREZ, Salvador – Dimension transcendente de la persona. p. 57.

²⁶ SERRÃO, Adriana Veríssimo – A humanidade da razão, Ludwig Feuerbach e o projecto de uma antropologia integral; Textos Universitários de ciências sociais e humanas; Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia; 1999, pp. 205–222.

que regula a relação de todos os seres. E só a sensibilidade²⁶, porque passiva e activa, pode acolher o “outro” como sujeito dotado de uma *dignidade própria*²⁷. O “tu” é um ser real, sensivelmente dado, reconhecido como “outro” ser humano. Reconhecer a realidade do outro só é possível na mesma medida em que o “eu” é sensível.

Por todos estes motivos, a “pessoa relacional” é considerada simultaneamente “ser-com” e “ser-para” (*ad aliquid*), estando esta enraizada numa comunhão entre duas individualidades, entre dois “eus”, assentes nas suas respectivas dignidades humanas, mediados pela “relação”. O “homem pessoa” requer necessariamente relações humanas com “outra pessoa”, numa correlação “eu-tu”.

3. A relação como uma “não coisificação” do “eu”

O “tu” confere uma dimensão nova à compreensão do “eu”: quando o encaramos como distinto, quando participa no mesmo conhecimento. O “eu” traça uma linha divisória entre o “tu” e os “outros objectos” reais que o rodeiam. Se a existência do um ego no mundo do “eu” é um facto importante, não é menos importante a diferença que esse “eu” coloca entre a pessoa e as coisas (os objectos reais).

A prova está em que a sua relação com as “coisas” que o rodeiam difere totalmente da que ele tem para com as pessoas, criando uma diferenciação entre a relação do “eu” com o “tu” e com os “objectos”. Não é possível estabelecer nenhuma classe de vinculação, da pessoa com as coisas, porque a corrente de comunicação relacional só pode existir entre pessoas, conscientes da sua relação recíproca²⁸.

O “eu” conhece-se a “si mesmo” como pessoa, descobrindo simultaneamente o “tu”, no contexto da sua situação de pessoa no mundo. Este conhecimento do seu próprio “eu” é o impulsionador que faz sair o homem de “si mesmo”, para se reencontrar de novo com as relações humanas. Isto indica-nos que, por mais que o “eu” esteja presente em toda a acção, não se sabe qual o momento em que se relaciona com o “tu”. É apenas “na intimidade desta relação que se conhece internamente o “eu” pessoal”²⁹.

A estrutura da “relação inter-humana” institui um modo mais complexo do que o da simples “relação sujeito-objecto”. Enquanto o objecto não humano (coisa) *me converte em objecto*³⁰, apenas a presença do ser humano possui a capacidade de o converter em sujeito, num tu (para ele). Significa que, enquanto a relação da pessoa com o objecto se estabelece na “reversibilidade e alternância do estatuto”³¹, a relação entre pessoas baseia-se na sua *reciprocidade e simetria*³². O ser humano vive numa dupla referência a “si” e ao “outro”. Nesta duplicidade, é integrada a sua essência íntima: cada pessoa é simultaneamente “eu” e “tu”. A relação estabelece-se, assim, apenas entre seres corporizados e sensíveis, capazes de agirem uns sobre os outros.

4. A comunicação como imperativo inter-relacional

A comunicação interpessoal é uma outra característica importante dessa relação. É uma noção importante, na medida em que existe uma “entrega”, de um ao outro, na aceitação dessa relação. De contrário, a incomunicabilidade, que por vezes coloca a pessoa em

²⁷ O termo “Dignidade” é o reconhecimento de um valor. Isto significa que a Dignidade Humana está baseada no ser humano e não na sua natureza da espécie humana a qual inclui, normalmente, manifestações de racionalidade, de liberdade e de finalidade em si, que fazem do ser humano um ente em permanente desenvolvimento na procura da realização de si próprio. Esse projecto de autorealização exige, da parte de outros, reconhecimento, respeito, liberdade de acção e não instrumentalização da pessoa. Essa autorealização pessoal, que seria o objecto e a razão da dignidade, só é possível através da “solidariedade ontológica” com todos os membros da nossa espécie. (documento de trabalho, 26/cnecv/99, reflexão ética sobre a dignidade humana in www.cnecv.pt).

²⁸ ENTRALGO, P. Laín – Teorya e realidad del outro. El otro como outro yo. Nosotros, tú y yo, pp. 277-278, Citado por VERGÉS RAMÍREZ, Salvador – Dimension transcendente de la persona, p. 60.

²⁹ Idem, p. 62.

³⁰ SERRÃO, Adriana Veríssimo – A humanidade da razão, Ludwig Feuerbach e o projecto de uma antropologia integral, pp. 205-222.

³¹ Idem, p. 206

³² Ibidem.

torno de “si” como sua autodefesa, dificulta o desenvolvimento das suas relações humanas.

Mas a comunicação regista diversas intensidades no mesmo plano da pessoa. A mais relevante é a *palavra*³³ e o *gesto*³⁴, como parte inter-relacional de uma “pessoa” com “outra”. Desta forma, a “palavra”, que permite o diálogo, é a *expressão mais genuína da relação*³⁵ entre pessoas. Em primeiro lugar, porque a “palavra” é a manifestação mais humana da corporidade desta, em segundo, porque permite a relação e a comunicação humana.

A “palavra” implica a existência de uma espécie de intercâmbio pessoal, como que a participação consciente no mesmo ser por parte de duas pessoas, contribuindo assim para um enriquecimento mútuo. Outras formas de expressão podem substituí-las momentaneamente, mas nunca definitivamente. É através da palavra que transparece todo o “ser individual”. A pessoa, que comunica através da “palavra”, forma a sua própria existência, contribuindo para a sua “unidade”. Desta forma, a “palavra” é a comunicação duma relação interpessoal, sendo simultaneamente a expressão visível da entrega de pessoa a pessoa. Ela é a gênese de uma relação especial entre pessoas, introduzindo-as num novo mundo das intimidades, através de uma vinculação de mútua relação do “eu” com o “tu”.

O valor da palavra é decisivo para o ser pessoa, porque é a manifestação da relação interpessoal do “eu” com o “tu”, dando sentido à vida de cada homem, na sua relação pessoal. Só na relação “dia-lógica”³⁶, usando a palavra, se reconhece o próprio “eu” humano, como um ser existente na sua dimensão interpessoal. Pois, o “eu”, ao expressar-se pela “palavra”, sai de “si”, não para se perder no “outro”, mas para se reencontrar através do diálogo. Este é o laço de união de ambos.

Até aqui, temos abordado a constituição essencial do próprio “eu” referente às distintas zonas da relação

humana, sensibilizada pela “palavra” e pelo “diálogo”, como uma auto-existência e reencontro com a pessoa. Mas o “diálogo” não parece esgotar-se na palavra propriamente dita, mas outras expressões lhes estão associadas: “o rosto como expressão da pessoa e o gesto como elemento de comunicação”³⁷. O rosto atinge uma tal expressividade, que se poderá considerar apenas uma qualidade pertencente aos seres humanos, distinguindo o homem dos outros seres do universo. Nenhum outro ser, inferior ao homem, pode fazer do seu rosto o espelho da interioridade.

Os olhos dominam o rosto, manifestando perante o “outro”, pela sua expressividade, sentimentos como alegria, tristeza, angústia, etc. Os lábios, outro elemento corporal essencial na comunicação, possuem uma expressão especial, permitindo incrementar essa relação comunicacional. A posição e o movimento dos lábios denotam, por parte da pessoa, a sua disposição psíquica para a relação. Esta comunicação labial está vinculada à visual e ambos convergem, no rosto da pessoa, em ordem a uma expressão facial, capaz de transmitir a tal comunicação relacional.

Este rosto de pessoa inclui um outro factor determinante da relação comunicativa: o “gesto”. A palavra humana torna-se gesto na transmissão de pensamento. A intensificação desta forma de expressão mostra a significação do gesto para estabelecer relações humanas. O gesto pode acompanhar geralmente toda a palavra, para que esta seja de expressão integral de toda a pessoa. Logo, o gesto expressa a emotividade da pessoa. Existem sentimentos profundos que podem ser expressos pelo gesto, por vezes com um alcance maior do que a própria palavra, podendo mostrar uma realidade mais profunda. O gesto não é entendido apenas como a tradução mimética material mas como a atitude da pessoa perante a presença de outra”³⁸.

³³VERGÉS RAMÍREZ, Salvador – Dimension transcendente de la persona. p. 64.

³⁴ Idem, p. 65.

³⁵ Idem, p. 64.

³⁶ Idem, p. 67.

³⁷ Idem, p. 74.

³⁸VERGÉS RAMÍREZ, Salvador – Dimension transcendente de la persona. p. 75.

Em Conclusão

Analisámos a estrutura individual de pessoa, tendo como elemento constitutivo primário, a relação do “eu” com o “tu”, direccionada para dois envolvimentos: o primeiro, desenvolve-se na relação que o mesmo “eu” tem consigo mesmo. O segundo decorre da inter-relação individual do “eu” com o “tu”, orientados para a sua unicidade. Neste processo, a comunicação interpessoal apresenta-se como uma característica fundamental, utilizando a palavra e o gesto humano, através dos quais as pessoas comunicam, contribuindo para a tal aceitação recíproca, em que a afirmação da pessoa perante o “outro”, enquanto comunicação “dialógica” do “eu”, nasce, desenvolve-se e culmina numa sensibilidade de ambos. Efectivamente, a relação interpessoal do “eu” com o “tu” provoca uma resposta “dialogal”, culminando na união recíproca e num interesse comum, participado por ambos.

Naturalmente, existe uma diferença entre esta relação interpessoal e o “objecto”. A primeira pertence ao ser existencial da pessoa e a segunda nem sequer se poderá chamar relação, porque entre o “ser pessoa” e o “objecto” existe uma outra relação, a de uma intencionalidade objectiva, usando a capacidade cognitiva. Esta diferença nasce da apreciação que o homem faz da distinção entre o “tu inato” com o que se encontra no “eu”, através da comunicação verbal (palavra) ou da sua expressão corporal (rosto e gesto).

BIBLIOGRAFIA

- DAMÁSIO, António – O sentimento de si. Lisboa: Publicações Europa América, 13ª Edição, 2001.
Documento de trabalho, 26/cnecv/99, reflexão ética sobre a dignidade humana in www.cnecv.pt.
- ENTRALGO, P. Laín – Teoría e realidad del outro. El outro como outro yo. Nosotros, tú y yo. Vol. I; Madrid: Revista de Occidente, 1961.
- SCIACCA, M. F. – El Hombre este desequilibrado. Barcelona: Edições Miracle, 1958.
- SERRÃO, Adriana Veríssimo – A humanidade da razão, Ludwig Feuerbach e o projecto de uma antropologia integral; Textos Universitários de ciências sociais e humanas; Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia; 1999.
- VERGÉS RAMÍREZ, Salvador – Dimension transcendente de la persona. Biblioteca Herder, Barcelona: Editora Herder, 1978.

ONCO.NEWS

INVESTIGAÇÃO E INFORMAÇÃO EM ENFERMAGEM ONCOLÓGICA

A SUA REVISTA DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

ENVIE OS SEUS ARTIGOS PARA SECRETARIADO@AEOP.NET